

FORÇAS NAVAIS PRONTAS PARA A GUERRA.



Fragatas da Armada Chilena em manobras no Oceano Pacífico.

BLOQUEIO NAVAL CONTRA O CHILE.

Em resposta à mobilização das forças navais chilenas, o governo brasileiro declarou que estará enviando sua esquadra para bloquear o atlântico sul aos navios chilenos. Nas ultimas horas, aumentou a presença de navios de guerra da Marinha do Brasil em Rio Grande. (Pág. 03)

ESQUADRA CHILENA PRONTA PARA O COMBATE.

Inúmeros informes dão conta de que os mais importantes navios de guerra chilenos se encontram em Punta Arenas, prontos para colocar em prática o bloqueio naval decretado pelo governo. No congresso chileno, foi aprovada a liberação de verba adicional, com o objetivo de permitir a manutenção das operações navais por longo período. (Pág. 02).

ESPECIALISTAS COMENTAM A CRISE DIPLOMÁTICA.

Até que ponto o uso das Forças Militares constitui-se em instrumento de respaldo à atuação da diplomacia? (Pág. 03)

O PAPEL DA INGLATERRA E ARGENTINA NA ATUAL CRISE SULAMERICANA.



Agora que as forças navais de Brasil e Chile se encontram a caminho de suas áreas de patrulha, qual será o papel desempenhado pelos ingleses e argentinos e seus reflexos nesta crise? (Pág. 05)

A GUERRA E A INTERNET.

Em tempos de Internet e rápida difusão da informação, quais os efeitos da popularização da Internet sobre a guerra? (Pág. 04)

EDITORIAL

No momento em que forças navais brasileiras e chilenas rumam para o atlântico sul, qual será o balanço de forças envolvidas. Será que os países realmente estão decididos a levarem às ultimas conseqüências esta disputa? (Pág. 05)

Jogos de Guerra: OPEN DRAKE.

Depois de muitos preparativos, finalmente tem inicio a simulação "OPEN DRAKE", através da qual pretendemos demonstrar como seria um conflito aeronaval envolvendo a esquadra da Marinha do Brasil. Além de aspectos militares, também procuraremos aprofundar os desdobramentos políticos, relatados através deste jornal, levantando reflexões sobre a necessidade de mantermos Forças Armadas modernas e capazes. (Página. 02)

ARMADA CHILENA SAI AO MAR.



(Punta Arenas) Na tarde de ontem, em discurso no congresso, o presidente chileno declarou que os navios da armada chilena já se encontram em operação no mar, tendo como objetivo fazer valer o bloqueio do Estreito de Drake. Apesar de alguns parlamentares da oposição reiterarem que tal atitude é um passo perigoso em direção a um confronto com o Brasil, não houve dificuldades em obter a liberação de recursos emergenciais, no intuito de permitir que as operações militares não sejam interrompidas.

Em nota oficial à imprensa, divulgada pouco após reunião com seu gabinete, o governo declarou que não iniciou esta crise, e que foi forçado pelo Brasil e seus aliados a adotar o uso da força como meio de fazer valer seus direitos sobre recursos naturais que se encontram dentro de seus limites territoriais.

A atividade nas instalações navais em Santiago, que eram frenéticas nas últimas semanas cessaram com a saída de todos os mais importantes navios de guerra chilenos, enquanto chegam relatos de que cada vez mais aumenta a concentração de navios em Punta Arenas e seus arredores.

“A nossa armada tem plenas condições de cumprir sua missão”.

Com grande parte de seus navios ao mar, o alto comando da Armada chilena reuniu a imprensa para uma breve coletiva, à qual compareceu um dos comandantes a quem foi entregue o comando da força naval, com o objetivo de assegurar o bloqueio naval.

Em meio a respostas evasivas às nossas questões, o comandante Pierre destacou que sua força tem plenas condições de realizar a missão que lhes foram atribuídas. Quando questionado sobre as expectativas quanto a um possível confronto com a Marinha do Brasil, afirmou está confiante de que haja uma solução pacífica para o impasse.

OPEN DRAKE.

Tudo o que vocês verão através da “Gazeta Independente” é ficção, sendo baseado nos desdobramentos de um *Wargame* jogado através de e-mail.

O objetivo deste “jornal” é o de ilustrar o cenário em que estarão se confrontando duas forças navais latino-americanas, onde estarão sendo avaliadas duas esquadras de composição distinta, buscando avaliar o desempenho de cada uma na moderna arena aeronaval do século XXI. De um lado, a esquadra Brasileira, nucleada em um Porta-aviões com caças-bombardeiro. Do outro, a esquadra chilena equipada com modernas escoltas capazes de disparar mísseis antinavio Harpoon.

Acompanhe o desenrolar desta simulação através do site:

www.redteam.com.br

Ao ser questionado sobre a possibilidade de o Porta-aviões São Paulo estar presente no Teatro de operações, limitou-se a declarar que *“não podemos fornecer uma resposta sincera sem colocar em risco a operação”*.

Navios ao mar.

Se na arena política o impasse chegou a um ponto em que o diálogo se tornou inviável, no campo militar a disposição chilena em “mostrar os dentes” é digna de nota. Nas últimas horas desta manhã, até o fechamento desta edição, observadores em Punta Arenas relataram a presença de pelo menos seis navios de guerra, dentre os quais o destaque fica por conta da presença das Fragatas Alte Cochrane e Alte Lynch, bem como pelo menos um submarino classe Scorpene não identificado.

Deve-se destacar que com as recentes aquisições de meios navais, a armada chilena conta hoje com oito fragatas modernas, contando com mísseis antiaéreos e antinavio, além de Barcos patrulha rápidos (*FPB “Fast Patrol Boats”*) armados com mísseis superfície-superfície Exocet e Gabriel

A CRISE ENTRE BRASIL E CHILE E O USO DAS FORÇAS MILITARES.

O que começou como um desentendimento entre dois países vizinhos, envolvendo a posse de um recurso natural extremamente cobiçado (petróleo, descoberto na província de Chubut, na Argentina) logo cedeu lugar a um gravíssimo incidente diplomático, para o qual o Brasil se viu arrastado enquanto buscava mediar uma solução amistosa entre Chile e Argentina.

Com o impasse nas negociações, e o acirramento da crise, que ganhou o "status" e incidente com a declaração de bloqueios aéreos e marítimos, seguido da retirada das respectivas representações diplomáticas dos países envolvidos, chegou a hora de se fazer uso da Força militar como recurso capaz de forçar seu oponente a ceder.

Numa primeira etapa, Brasil e Chile mobilizaram suas forças e adotaram o discurso como recurso de intimidar um ao outro porém, agora a situação se tornou mais crítica. Os canais diplomáticos estão fechados e os navios de guerra seguem para as zonas de bloqueio totalmente municiados e prontos para o combate.

Com o Brasil fechando o acesso chileno ao Atlântico Sul, e este posicionando suas forças no Estreito de Drake, podemos pensar que existe uma distancia segura entre as forças navais porém, resta agora saber o que vai acontecer quando o primeiro cargueiro adversário for apresado por um dos países ou mesmo, quem será o primeiro a querer desafiar seu oponente com uma nova demonstração de força, enviando um ou mais navios de guerra para forçar a passagem pelo bloqueio naval adversário.

Com a mobilização das forças militares, esta crise parece longe de ter um desfecho breve e pacífico.

MARINHA DO BRASIL SE ENCONTRA MOBILIZADA.



Fragata Defensora em manobras no litoral fluminense.

[Brasília] Esta manhã, o ministro da defesa, em coletiva à imprensa declarou que o Brasil não irá voltar atrás em sua posição de fazer valer o bloqueio do Atlântico Sul aos navios chilenos. "*Quem optou por fazer uso de demonstrações de força, a principio, foram os chilenos*" afirmou o ministro. Enquanto isso, chegam à nossa redação relatos sobre movimentação de navios na base naval do Rio de Janeiro e ainda, o transito de navios em Rio Grande.

Segundo o Ministério da Defesa, a Marinha do Brasil está se mobilizando para fazer valer o bloqueio no Atlântico Sul. Embora não se fale em números exatos, o comando da Marinha declarou que vários navios estão saindo ao mar, alguns deles em missão de rotina, os quais deverão operar em nossas águas territoriais, enquanto outros seguirão para o Atlântico sul. Quando questionado sobre a intensa movimentação, ainda visível na Base Naval do RJ, o que denotaria o provável envio de um Grupo Tarefa ao Atlântico Sul, o Ministro apenas relatou que este aumento nas atividades é normal, uma vez que haverá um maior numero de navios saindo ao mar simultaneamente, e que parte desta movimentação é rotineira.

Movimentação de forças em Rio Grande.

Enquanto a movimentação na Base Naval do Rio de Janeiro tem decaído, com a partida de vários navios, que foram vistos deixando a Baía da Guanabara nas ultimas horas, o movimento em Rio Grande tem aumentado. Segundo pescadores, pelo menos um submarino foi avistado na região, enquanto um navio tanque foi avistado próximo à costa e pelo menos quatro escoltas estavam atracados no cais. O destaque ficou por conta da Corveta Frontin, que durante a manhã esteve aberta à visitação e recebeu alunos de escolas públicas da cidade. Também compunham a frota duas Fragatas, a Niterói e a Independência.

A INTERNET E A GUERRA.

Enquanto os governos liberam poucas informações sobre a movimentação de navios, na Internet, sobretudo em sites e fóruns de entusiastas, em meio a discursos nacionalistas acalorados ou ainda teorias e análises sobre uma guerra iminente e em larga escala, é possível encontrar informações detalhadas e mesmo fotos que mostram o movimento de forças no Atlântico e Pacífico.

Observando algumas fotos disponíveis em um site sobre Defesa, pode-se ver o deslocamento de duas Fragatas deixando a Bahia da Guanabara, e outra com um navio patrulha em Rio Grande. Nossa reportagem buscou apurar se os navios identificados nas fotos se encontravam no Rio de Janeiro, atestando a veracidade das informações disponibilizadas pela Internet. Em sites chilenos, o teor das informações também não é diferente, sendo que em um deles estava listado até mesmo o número de mísseis Harpoon embarcados nos navios.

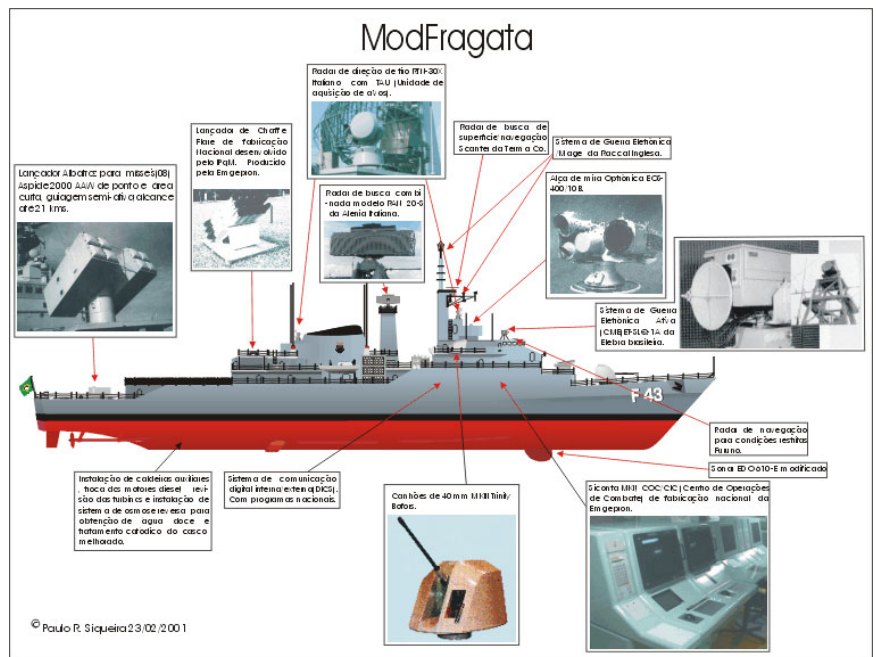
Em Valparaíso, a exemplo do que fizemos no Brasil, nosso correspondente tentou obter informações sobre a movimentação de navios, constatando que pelo menos cinco embarcações de guerra não se encontram no porto. De fato, em tempos de Internet acessível a um grande número de pessoas, e a difusão de equipamento fotográfico digital, podemos constatar que qualquer manobra militar, por mais sigilosa que possa ser não estará completamente oculta aos olhos de entusiastas "armados" de uma câmera digital e acesso em banda larga à Internet.

Fragata Defensora em exercícios no mar.

[Santos] Atendendo a convite da Força Naval, enviamos um de nossos correspondentes a bordo da Fragata Defensora (F.41) que realiza manobras ao largo da costa paulista. Segundo informes, a rotina a bordo do navio tem sido de constantes adestramentos, onde a tripulação se prepara para as mais diversas situações que poderá encontrar caso entre em combate. Foram realizados inúmeros exercícios de combate a incêndios a bordo, enquanto do passadiço o comandante observava os exercícios de tiro antiaéreo com o canhão de 40mm e simulações de abordagem de embarcações não identificadas usando o helicóptero orgânico da embarcação. Quando questionado se tais exercícios seriam parte dos preparativos para o envio da embarcação ao Atlântico Sul, o comandante limitou-se a afirmar que estes são exercícios de rotina, e que qualquer navio da Esquadra poderá ser chamado à atuar no bloqueio naval. "Se preciso for, estaremos prontos para o combate" – concluiu o comandante.

As Fragatas Niterói.

As Fragatas Classe Niterói, com seis unidades em operação pela Marinha do Brasil representam o principal vetor de combate da esquadra. Originalmente construídas e incorporadas à força nos anos oitenta, são navios de projeto britânico, e cerca de quatro unidades foram construídas no Arsenal de Marinha, no Rio de Janeiro. Originalmente eram dedicadas a luta anti-submarino e guerra de superfície porém, durante a última década passaram por um programa de modernização que ampliou seu poder de fogo. Hoje, cada uma conta com um lançador para mísseis antiaéreos *Aspide*, mísseis antinavio *Exocet*, torpedos leves e capacidade de operar com um helicóptero *Lynx*, armado com mísseis.



ATENÇÃO:

Gazeta Independente:

Editor:

Marcelo Nichele
Anderson Salafia

Editor/ Redator:

Anderson Salafia

Para mais informações sobre a simulação Open Drake, acesse:

www.redteam.com.br

Editorial:

O que antes estava restrito a uma queda de braços diplomática, assumiu ares de confrontação bélica indireta, com cada país mostrando suas forças, no intuito de dissuadir seu oponente a recuar. Mas será que as forças latino-americanas realmente têm potencial para realizar tamanha demonstração de força?

Desde o final da Segunda Guerra Mundial, o repasse de armas ao continente esteve sob a constante vigilância de Washington, que obteve relativo êxito em manter o equilíbrio entre as principais nações da região, como por exemplo, ao repassar submarinos nos anos sessenta, onde cada força naval recebeu o mesmo número de unidade (dois barcos cada), bem como apenas três torpedos ativos.

Obviamente, com a postura independente da França, logo chegaram ao continente os primeiros supersônicos da família Mirage, bem como mísseis ar-ar, alterando o equilíbrio na região. Com o colapso do Pacto de Varsóvia e o fim da Guerra Fria, a situação se modificou. Mísseis ar-ar mais capazes e caças Mig.29 chegaram ao Peru, enquanto navios de procedência européia passaram a ser adotados pelas forças locais.

A partir de meados dos anos noventa, e ao longo da primeira década do século XXI as forças navais do Brasil e Chile buscaram modernizar suas respectivas esquadras. Enquanto o Brasil investiu na aquisição de um Porta-aviões de maior capacidade e caças Skyhawks e modernizou suas seis fragatas da Classe Niterói; a Armada chilena adquiriu oito fragatas de procedência européia, armadas com mísseis, colocou em serviço submarinos Scorpene e ampliou sua frota de barcos rápidos armados com mísseis antinavio. Enquanto o Brasil busca construir uma força naval capaz de projetar seu poderio sobre suas águas territoriais, baseando-se no emprego de um Navio aeródromo, os chilenos optaram por uma força naval dotada de modernas escoltas de superfície, dotadas de mísseis antiaéreos e helicópteros dotados de mísseis antinavio *Exocet* capazes de abater embarcações inimigas muito além de suas defesas AAW.

Os fatos aqui narrados têm por finalidade servirem de ambientação para uma simulação / Jogo de Guerra, onde serão avaliados os desempenhos de forças navais sul-americanas. Esta é uma obra de ficção, não havendo intenção de incitar qualquer tipo de rivalidade entre nações vizinhas ou fazer apologia à guerra.

CRISE NOS ANDES: INGLATERRA E ARGENTINA.



Caça EF.2000 da RAF operando nas Ilhas Falklands.

Devemos lembrar que a atual crise, que assumiu áreas de demonstração de força bélica nos últimos dias, teve seu início com a descoberta de petróleo nos Andes, na fronteira entre Argentina e Chile. Uma vez que chilenos e argentinos já foram rivais, em razão de disputas quanto ao Estreito de Beagle (onde ironicamente o Brasil se colocou como provável aliado chileno, por nutrir com Buenos Aires desavenças históricas) não será de se espantar que ocorra um apoio, ainda que discreto, dos argentinos para o Brasil, que nesta crise, representa interesses argentinos. Porém, e a Inglaterra?

Desde que os desentendimentos com o Chile tiveram início, o nacionalismo argentino serviu de mau presságio para os ingleses, que não tardaram em enviar reforço militar para proteger suas posses insulares no Atlântico Sul. Mesmo contando permanentemente com um forte aparato de defesa (reunindo aviões de combate e navios de guerra, além de cerca de 1.500 soldados) várias unidades de guerra da Marinha Britânica já se encontram à caminho do Atlântico Sul, o que certamente terá consequências em um momento em que cada vez mais navios brasileiros e chilenos se deslocam para a região.

A questão que fica é qual será a postura dos governos argentinos e britânico quanto a uma provável guerra aeronaval no Atlântico sul. O primeiro, contando com bases terrestres e extenso litoral, além de fazer fronteira com o Chile; enquanto o segundo, já alinha não apenas tropas e aeronaves em suas ilhas mas também, navios de guerra dispersos pelo Atlântico Sul.